

CRIOLIZAÇÕES, AMERICANIDADE E MOBILIDADES CULTURAIS

Zilá BERND

(Universidade Federal do Rio Grande do Sul)
(Centro Universitário La Salle)
(CNPq / Bolsa PQ)

MOARA
MOARA

RESUMO: Refletir sobre o conceito de criouldade/crioulização, introduzido pelos autores do Caribe francófono como Patrick Chamoiseau, Raphael Confiant e, desenvolvido posteriormente, por Édouard Glissant, mostrando seus objetivos e seu alcance, ou seja, dar conta dos fenômenos de hibridação que surgem nas Américas devido aos processos sucessivos de transferências culturais/transculturação. A reflexão pretende também discutir as vantagens para nós, no Brasil, de colocarmos em circulação em nossas pesquisas acadêmicas conceitos como os de crioulização e americanidade, que se situam no âmbito das Mobilidades culturais.

PALAVRAS-CHAVE: Crioulidade; Americanidade; Hibridação cultural; Identidade nacional e Mobilidades culturais.

RESUMÉ: Réfléchir sur le concept de créolité/créolisation, introduit par les auteurs de la Caraïbe francophone tels que Patrick Chamoiseau, Raphael Confiant et, développé postérieurement par Édouard Glissant, en soulignant leurs objectifs; autrement dit, rendre compte des phénomènes d'hybridation qui surgissent dans les Amériques comme conséquence des processus de transferts culturels/transculturation. La réflexion vise aussi discuter les avantages pour nous au Brésil, de mettre en circulation dans nos recherches académiques des concepts tels que créolisation et américanité qui se situent dans le cadre des Mobilités culturelles.

MOTS-CLÉS: Créolité; Américanité; Hybridation culturelle; Identité nationale et Mobilités culturelles.

A proposta desse artigo é a de questionar a validade e o interesse em introduzir o conceito de criouldade/crioulização (*créolité/ créolisation*) tal como foi enunciado pelos escritores francófonos do Caribe francófono (*Éloge de la créolité*, 1989), com ênfase nas propostas de Patrick Chamoiseau (1997), Raphael Confiant e Édouard Glissant (1997). Gostaria de poder mostrar de que forma esse conceito aponta as passagens transculturais como constituintes da identidade cultural híbrida das Américas, evidenciando essa e outras formas de mobilidades (transculturais) como elementos que caracterizam a identidade das Américas, que chamamos de americanidade. Trata-se, portanto, de verificar em que medida esse conceito de identidade mais ampla – americanidade – convive em harmonia com os de regionalismo e identidade nacional por serem todos, no limite, expressões da busca de autonomia e de identidade cultural, alicerçadas na aceitação da mestiçagem e da criouldade como estratégias de mobilidade cultural, fundadoras dessa identidade.

1 CRIOULIZAÇÃO

Na virada dos anos 90, surge no espaço francófono do Caribe uma proposta de concepção identitária que vem a constituir-se em uma nova etapa do processo de afirmação identitária iniciado nos anos 30 com a Negritude. Sucedeu à Negritude, a proposta de Édouard Glissant, que introduziu o conceito de Antilhanidade (ou do Discurso Antilhano), sendo que nos anos 90, a noção de Crioulidade/crioulização vem somar-se ao discurso dos descontentes com o pensamento da Negritude que limitava a afirmação da identidade a um único quadro de referências (a pertença à etnia negra). Com essa abertura para o Diverso e a Relação (para utilizar termos caros a E. Glissant, 1980), a reflexão sobre o identitário torna-se cada vez mais abrangente e, por consequência, menos essencialista.

De acordo com Walter Mignolo (2000), o conceito de criouldade seria uma etapa num processo de compreensão e de formação da identidade cultural iniciado por Fernando Ortiz,

antropólogo cubano que, nos anos 40, concebeu o fecundo conceito de transculturação. Por esse conceito, no contato de culturas europeias e autóctones na América Latina, há perdas e ganhos de parte de todas as culturas envolvidas, originando-se desta fricção algo novo e original, ou seja, as culturas latino-americanas.

O termo *crioulidade* ou *crioulização*, como prefere Glissant por sugerir a ideia fundamental de processo, transita muito bem em língua francesa e em língua espanhola, remetendo a algo novo, ao que foi originado na América, contudo, é um tanto problemático em português, onde tende a ser associado com um dos sentidos de « crioulo » que é a pertença à etnia negra.

Segundo os signatários do manifesto intitulado *Éloge de la Créolité*, a criouldade é “um agregado interacional ou transacional de elementos culturais caraíbas, europeus, africanos, asiáticos etc. que o jugo da história reuniu no mesmo solo” (BERNABE; CHAMOISEAU; CONFLIANT, 1989). É, pois, fruto de “um turbilhão de significados em um só significante, constituindo-se em uma especificidade aberta” (contrariamente à Negritude que se fechava em torno da especificidade de uma etnia e de uma cultura: a negra).

Convém, pois, distinguir Antilhanidade, Americanidade e Crioulidade, conceitos que, segundo Chamoiseau, poderiam recobrir as mesmas realidades. A americanização e o sentimento de americanidade dela decorrente serviria para descrever os processos de adaptação progressiva das populações do mundo ocidental ao chamado Novo Mundo. Bem diferente seria o processo de criouldade, que designa o contato brutal de populações culturalmente diferenciadas que foram levadas a inventar novos esquemas culturais, o que permitiu a sua coabitação.

A criouldade engloba a Americanidade, pois implica um duplo processo: (1) a adaptação de europeus, africanos e asiáticos ao Novo Mundo; (2) a confrontação cultural entre estes povos num mesmo espaço, levando à criação de uma cultura sincrética dita crioula.

Em resumo, a proposta contida no manifesto *Éloge de la créolité* (que tem tradução em português como *Elogio da criouldade*) é a de pensar o mundo como uma harmonia polifônica: racional/irracional, concluída/complexa, unida/difratada.

2 AMERICANIDADE

Tentamos, em diferentes publicações, construir o conceito de Americanidade que corresponde a uma identificação privilegiada com as Américas, em substituição ao olhar lançado para o longe: o continente europeu de onde vieram os colonizadores. Esse processo de continuidade com a cultura das metrópoles fez com que as culturas das Américas merecessem etiquetas tais como “cultura subalterna”, “dependência cultural”, “mimetismo cultural”, etc. Em nossas pesquisas sobre o conceito de americanidade, verificamos que em diferentes pontos das Américas o conceito foi enunciado, podendo-se perceber nuances significativas entre: *americanidad* (América hispânica), *américanité* (Quebec) e *americanidade* (Brasil). Verifica-se curiosamente a ausência de equivalente em língua inglesa (*americaness* não existe!), o que é bastante fácil de entender já que os estadunidenses se consideram americanos *tout court*.

Americanidad surge primeiramente como força propulsora das independências e, mais tarde, como revide ao temor de um neocolonialismo norte-americano, estando ligado a determinadas urgências de uma América que precisa concluir seus processos de independência social, política e econômica. Quanto à *américanité* quebequense, trata-se sobretudo de destacar o caráter francófono da província do Quebec, de reconhecer que a herança européia não foi exclusiva e que há lugares de memória (*lieux de mémoire*) incontornáveis relacionados à vivência americana. Gérard Bouchard (2000) fala, em “gênese das nações e das culturas do Novo Mundo”, sendo um dos grandes defensores da “americanidade quebequense”. Segundo esse fecundo historiador, a americanidade, para além das variantes nacionais, repousaria sobre a matriz das coletividades

novas ou culturas fundadoras. Lembremos que as coletividades novas são definidas por G. Bouchard (2000) como aquelas que desenvolvem modelos culturais a partir da *ruptura* com as metrópoles (e não a partir da *continuidade*, como é o caso das coletividades ditas transplantadas). O autor lembra também que esses espaços novos onde se erige a nova cultura, embora fossem na verdade já habitados pelas populações autóctones, “criaram circunstâncias próprias (pela ruptura com os modelos metropolitanos) a uma mitologia dos (re)começos, a uma espécie de tempo-zero (ao menos virtual, e às vezes real) da vida social” (BOUCHARD, 2000, p.15-16).

Já no contexto do Caribe, o conceito de *crioulização* abrange e ultrapassa o de americanidade como um desafio de organizar a comunhão “das diversidades humanas que não precisam renunciar ao que elas são” (CHAMOISEAU, 1997, p. 203). Parece que há aqui uma clivagem em relação à idéia de “gênese” das nações e das culturas através dos mitos de recomeço, presente na concepção de americanidade quebequense, pois, no âmbito da criouldade, surge o conceito de “digênese” (Glissant), ou seja, uma negação da gênese, da origem e dos recomeços. Nas Américas, “o ponto de impulso é indiscernível, e móvel, e recapitulativo, e aberto, crescente, proliferante, presidindo o nascimento sem começo das identidades crioulas” (CHAMOISEAU, 1997, p. 204).

Segundo E. Glissant (1997), a entrada em contato, no Novo Mundo, das culturas atávicas (que possuem seus mitos cosmogônicos) dá origem a culturas compósitas que não geraram gêneses, pois não adotaram esses mitos de criação vindos de fora, até porque sua origem não se perde na noite dos tempos, mas tem uma história. No que concerne à sociedade crioulas do Caribe, “a gênese se funde em uma obscuridade, a do ventre do navio negreiro. É o que eu chamo de *digenèse*”¹ (GLISSANT, 1997, p. 36).

¹ Segundo o dicionário Houaiss (2001, p. 1039), digenético é o que se desenvolve em dois hospedeiros distintos, um intermediário e outro definitivo (diz-se de parasita).

Esse pensamento converge com o de Lezama Lima para quem a americanidade, ou a expressão americana, emerge com as formas proliferantes e incorporativas do barroco que, nas Américas, graças ao trabalho da transculturação, ao aproveitamento dos restos, dos vestígios e das marcas deixadas por diferentes culturas, gera elementos culturais novos.

A americanidade na América Latina não se originaria, como quer Gérard Bouchard (2000), nem com o crioulo nem com o mestiço, pois a mestiçagem se caracteriza pela homogeneidade (*melting pot*) e pela previsibilidade. Ela só emerge verdadeiramente com a posta em marcha dos processos de transculturação e de hibridação com seu valor acrescido da imprevisibilidade. O processo está inacabado, como sugere o historiador quebequense, mas sempre o estará, pois os processos de identificação estão em contínuo devir. O que interessa não é propriamente o acabamento, mas que as trocas, as interpenetrações e os processos de deshierarquização continuem a se realizar e que a ideia de uma *americanidade compartilhada* entre o norte e o sul continue a possibilitar a relação.

3 REGIONALISMO E IDENTIDADE NACIONAL

Resta uma reflexão sobre os conceitos de Regionalismo e de identidade nacional para averiguar se as noções acima mencionadas de crioulização e americanidade entram em conflito – sendo até mesmo antagônicas – à concepção da literatura como expressão regional. Me parece que absolutamente tais posições não são contraditórias (Regional, identidade nacional, americanidade), sendo possível, inclusive, pensar o Regionalismo também como um lugar onde ocorrem crioulizações. O Regionalismo como forma de identidade fechada a uma região e que prega uma (impossível) “pureza” de suas fontes, a meu ver não tem as mínimas condições de sobrevivência nos dias de hoje onde os efeitos da globalização se fazem sentir em toda parte. Mas, se por Regionalismo estamos pensando em obras abertas para uma dimensão necessária e

incontornável de universalidade, de compromisso com o humano em sua acepção mais ampla, então devemos poder encontrar em obras regionalistas efeitos benéficos da crioulização e de uma identificação com as Américas. Bastaria para tanto apontarmos a obra de autores que ganharam dimensão nacional e internacional, conquistando leitores em diversas línguas como Moacyr Scliar, originário do Rio Grande do Sul, e Milton Hatoum (Amazonense). Profundamente inseridas em suas respectivas regiões, colocando em evidência as interpenetrações culturais entre substrato autóctone e cultura dos imigrantes (no primeiro caso, cultura gaúcha e judaica e, no segundo, substrato cultural e mitológico amazonense e cultura libanesa), as obras apresentam efeitos de crioulização e de universalidade, comovendo leitores que, nos quatro cantos do planeta, pertencem aos grandes movimentos de migratórios a que assistimos na contemporaneidade.

Logo, ao se propor uma reflexão sobre Regionalismos, transferências culturais e hibridações, partiu-se da hipótese – que veio a ser comprovada – de que por mais regional que seja uma obra, se ela é realmente uma obra de arte literária, ela não está infensa a cruzamentos, mestiçagens e hibridações e que, portanto, as teorias caribenhas da crioulização, ou as quebequenses que retomam o conceito de americanidade, juntamente com as de García Canclini sobre a hibridação, são pertinentes e oportunas de serem pensadas juntas.

José Edilson Amorim (2008, p.18), em sua obra *Era uma vez no Nordeste*; ficção e representação regional I, confirma que o Regionalismo “se transforma em uma prática que permanece e se reelabora”. Ao colocar a escrita regionalismo no âmbito dos processos identitários que se perfazem no próprio processo de sua afirmação, nos autoriza a depreender que é partidário de uma concepção do regionalismo que se “reelabora”, dando origem a obras como as João Ubaldo Ribeiro da primeira fase (Sargento Getúlio), que podem ser lidas como metáforas da condição humana universal.

4 MOBILIDADES CULTURAIS

Os diferentes conceitos que acabamos de mencionar: transculturação, crioulização, hibridação entre outros, inscrevem-se no âmbito do que vimos chamando de Mobilidades culturais, que compreendem estratégias de deslocamentos, passagens e transferências culturais que se verificam na literatura, nas artes e nas demais manifestações culturais. Ao destacar essa temática, seguimos o pensamento fertilizador de teóricos canadenses, tais como Walter Moser, Simon Harel, Pierre Ouellet e Patrick Imbert, entre outros, que concebem a mobilidade cultural como estratégia para driblar a imposição das normas (lingüísticas e sociais), do poder (fixo e imóvel), da doxa e dos clichês que tendem a imobilizar os discursos em estados de coagulação.

Escritores, artistas e agentes culturais desenvolvem táticas cujo eixo é o movimento, deslocando a arbitrariedade da norma, rompendo paradigmas e aproximando culturas através de processos transculturais. O *trans* preside as mobilidades através de jogos transculturais por estar associado à ultrapassagem, ao ir além, à travessia de territórios até então interditos, como nos lembra Simon Harel e Nubia Hanciau ao estudar a figura do *braconnier* (caçador furtivo). Assim, as diferentes formas de mobilidade podem ocorrer no espaço (viagens, deambulações, *flâneries*), no tempo (formas romanescas estruturadas em várias épocas, com grandes saltos temporais), na passagem das vozes narrativas (dialogismo) e até no uso de metáforas que deslocam o sentido primeiro das palavras. Pierre Ouellet em *L'esprit migrateur* (2003) chama a atenção para a migração cultural, que se constitui em forma privilegiada de mobilidade, ocorrendo frequentemente em obras dos escritores ditos migrantes ou trans-nacionais e até de escritores que nunca viajaram, mas cuja obra se desloca constantemente pela inscrição de fragmentos do pensamento de outros autores. Assim, passagens intertextuais caracterizam-se como práticas de mobilidade por excelência.

Referências

- AMORIM, J. E. *Era uma vez no Nordeste*. ficção e representação regional 1. Campina Grande: Editora da Univ. Fed. de Campina Grande, 2008.
- ANDRES, B. & BERND, Z., (Dir.). *L'identitaire et le littéraire dans les Amériques*. Quebec: Nota Bene, 1999.
- BERNABE, J.; CHAMOISEAU, P.; CONFIANT, R. *Eloge de la créolité*. Paris: Gallimard, 1989.
- BERND, Z. (Org.) *Escrituras híbridadas: estudos em literatura comparada interamericana*. Porto Alegre: editora da UFRGS, 1998.
- BERND, Z., org. Brasil/Canadá: *Mobilidades (trans)culturais nas Américas*. Porto Alegre: Nova Prova/Abecan, 2008.
- BERND, Z. *Américanité et mobilités transculturelles*. Quebec: Presses de l'Université Laval, 2009. Collection Americana.
- BERND, Z. (org.) *Dicionário das figuras da mobilidade cultural nas Américas*. Porto Alegre: Tomo, 2009. no prelo.
- BOUCHARD, G. *Genèse des nations et cultures du Nouveau Monde*. Montréal: Borpeal, 2000.
- CHAMOISEAU, P. *Écrire en pays dominé*. Paris: Gallimard, 1997.
- GLISSANT, É. *Poétique de la relation*. Paris: Gallimard, 1990.
- _____. *Le discours antillais*. Paris: Gallimard, 1980.
- _____. *Traité du Tout-Monde*. Paris: Gallimard, 1997.
- MIGNOLO, W. *Coloniality, Subaltern knowledges and Border Thinking*. Local Histories/Global Designs. Princeton: Princeton University Press, 2000.
- OUELLET, P. *L'esprit migrateur; essai sur le non-sens commun*. Montréal: VLB éditeur, 2003. (Le Soi et l'autre).